

**RESENHA DA OBRA - EXPERIMENTAÇÕES DO PATRIMÔNIO:
DIVERSIDADES E RESISTÊNCIAS**

**WORK REVIEW - EXPERIMENTATIONS: REFLECTING ON CULTURAL
HERITAGE IN HARD TIMES**

Recebido em: 23/01/2022

Aceito em: 20/04/2022

Carla Simone Rodeghero¹ 

FRAGA, Hilda Jaqueline de; CARDOSO, Claudira do Socorro Cirino; QUEVEDO, Éverton Reis; BARROSO, Véra Lucia Maciel (Orgs.) **Experimentações do patrimônio: diversidades e resistências** [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021.

Resumo: O livro *Experimentações do Patrimônio: diversidade e resistências*, organizado por Hilda Jaqueline de Fraga, Claudira do Socorro Cirino Cardoso, Éverton Reis Quevedo e Véra Lucia Maciel Barroso, foi publicado em 2021 pela Editora Fi, no site da qual está disponível para acesso gratuito. Trata-se de uma coletânea que reúne 17 artigos escritos por profissionais de diferentes disciplinas e dedicados à exploração e análise de experiências na esfera do patrimônio, levadas a cabo no Brasil, na Argentina, na Colômbia e em Portugal. Na presente resenha essa obra é inserida num empreendimento editorial e político mais amplo dos autores, além de fazer uma breve apresentação das principais temáticas tratadas.

Palavras-chave: Patrimônio, Diversidade, Resistências, Políticas Culturais.

Abstract: The book *Experimentações do Patrimônio: diversidade e resistências* (Heritage Experiments: Diversity and Resistance), organized by Hilda Jaqueline de Fraga, Claudira do Socorro Cirino Cardoso, Éverton Reis Quevedo and Véra Lucia Maciel Barroso, was published in 2021 by Fi publisher house, on the website of which it is available for free access. The collection brings together 17 articles written by professionals from different disciplines and dedicated to the exploration and analysis of experiences in the heritage sphere, carried out in Brazil, Argentina, Colombia and Portugal. The present review inserts the book in a broader editorial and political enterprise of the authors, in addition to making a brief presentation of the main themes addressed.

Keywords: Cultural Heritage, Diversity, Resistance, Cultural Policies.

O livro *Experimentações do Patrimônio: diversidade e resistências*, organizado por Hilda Jaqueline de Fraga, Claudira do Socorro Cirino Cardoso, Éverton Reis Quevedo e Véra Lucia Maciel Barroso, foi publicado em 2021 pela Editora Fi, no site da qual está disponível para acesso gratuito. Trata-se de uma coletânea que reúne 17 artigos escritos por profissionais de diferentes disciplinas e dedicados à exploração e análise de experiências na esfera do patrimônio, levadas a cabo no Brasil, na Argentina, na Colômbia e em Portugal. Como lembram as organizadoras e o organizador na apresentação do trabalho, trata-se de “debates agudizados pelo contexto político mundial e pela pandemia, com destaque para a precarização das políticas

¹ Possui graduação em História pela Universidade de Passo Fundo (1989), mestrado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1996) e doutorado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2002). E-mail: carla.simone@ufrgs.br

culturais (...), ameaças de desaparecimento de bens e valores patrimoniais materiais e imateriais e para as intolerâncias de toda ordem” (FRAGA; CARDOSO; QUEVEDO; BARROSO, 2021, p. 18-19).

Antes de resenhar a obra, devo mencionar os laços que mantenho com a problemática e com as autoras e o autor. O livro é a terceira publicação do que se tornou a “Série Experimentações”, iniciada em 2015 com o livro *Experimentações em lugares de memória: ações educativas e patrimônios* (FRAGA; CARDOSO; QUEVEDO; BARROSO; SOUZA, 2015). Naquela oportunidade, fui convidada a escrever um capítulo em coautoria com Claudira Cardoso, a respeito de nosso envolvimento no Programa de Educação Patrimonial realizado numa parceria entre a Universidade Federal do Rio Grande do Sul e o Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, o PEP UFRGS-APERS. Em 2018, a mesma equipe organizou a coletânea *Experimentações, políticas culturais e patrimônios*, reunindo “as pesquisas e as trajetórias de pesquisadores e gestores culturais do Brasil e de países do Cone Sul, com destaque para o Uruguai, convidados a socializar seus estudos e práticas”, considerando os “(des)caminhos das políticas culturais efetivadas nas últimas décadas” (FRAGA; CARDOSO; QUEVEDO; BARROSO; SOUZA, 2018, p. 11).

Se o primeiro laço que me aproximou do empreendimento da Série Experimentações foi o texto publicado em 2015 e a experiência de educação patrimonial sobre a qual ele tratava, o segundo laço se refere à proximidade em relação à equipe organizadora em empreendimentos de história oral (especialmente com Cardoso, Quevedo e Barroso) e de história cultural (com Fraga). Ou seja, tenho tido o prazer de compartilhar projetos, atividades e eventos com o grupo, iniciativas que carregam uma preocupação comum com o patrimônio, a memória, a educação, o fazer coletivo, a diversidade, a resistência. Não há, então, como resenhar a obra sem se referir à equipe organizadora e seus engajamentos diversos nos campos acima mencionados, seja na docência, na gestão cultural, nas práticas associativas (Associação Nacional de História, GT História Cultural da ANPUHS e Associação Brasileira de História Oral), numa atuação e numa militância que são ao mesmo tempo culturais, políticas e afetivas.

Cultura, política e afeto. Para conferir o diálogo entre essas três dimensões da prática relacionada ao patrimônio e à trajetória da equipe que organizou o livro, vale à pena assistir ao conjunto de mesas redondas que precedeu o lançamento de *Experimentações do Patrimônio: diversidade e resistências*. As mesas foram organizadas pelo Centro Histórico-Cultural da Santa Casa de Porto Alegre e estão disponíveis no canal do Youtube da mesma instituição. As

autoras e autores participantes da publicação comentaram seus trabalhos a partir dos cinco grandes temas que compõe o livro, sobre os quais tratarei adiante.

No contexto da pandemia, eventos online se tornaram rotina, assim como o trabalho a distância, a transformação das nossas casas em escritórios, salas de aula e de conferência e a mistura entre as obrigações profissionais e as domésticas. Lembro de ter assistido parte das mesas redondas do evento Experimentações do Patrimônio enquanto limpava a casa e lavava roupa. Na verdade, não assisti, apenas ouvi as falas das mesas redondas, perdendo parte da riqueza dos materiais apresentados. Ainda assim captei a alegria dos encontros e reencontros, os alô enviados pelo chat (e lidos por quem moderava a mesa redonda), o entusiasmo no relato das experiências realizadas e a indignação quanto ao quadro geral de desmonte da educação, da cultura, do patrimônio. Lembro, ainda, da dor compartilhada na menção de uma colega querida que já não podia estar com o grupo pois havia sido levada recentemente pela Covid 19. Estávamos em março/abril de 2021, momento de pico da pandemia no Brasil. Na escrita dos capítulos, em vários momentos, o contexto da pandemia é mencionado já que a preparação da obra se deu ao longo de 2020.

Passo a uma rápida apresentação das cinco temáticas em torno dos quais a obra está organizada. No bloco “Patrimônio, gênero e questões étnico-raciais” é apresentada a experiência de montagem de uma exposição sobre a trajetória do nuances: Grupo pela Livre Expressão Sexual, no Memorial do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, numa ação colaborativa entre o curso de Museologia da UFRGS e membros do grupo, naquilo que foi apresentado como uma “militância antisilenciadora” (FRAGA et al., 2021, p. 28). É discutida a presença indígena em museus, num texto que explora tanto instituições tradicionais, quanto o “movimento indígena autoral em relação aos museus” (FRAGA et al., 2021, p. 66). As limitações da patrimonialização, que nem sempre contempla a complexidade de uma prática cultural, são analisadas em capítulo que trata do registro do Samba Rock como patrimônio cultural imaterial, no município de São Paulo. Ainda nesse primeiro bloco, é enfocada a gestão da produção cultural comunitária, a partir da Atividade Curricular em Comunidade – Memória Social, na UFBA.

No bloco seguinte, que reúne estudos sobre “Patrimônio e ditadura”, a coletânea traz duas contribuições de Portugal e uma do Brasil. A partir da experiência do Museu do Aljube é enfocada a memória sobre a Ditadura Militar e o Estado Novo, “uma memória simultaneamente traumática, incômoda, também silenciada” (FRAGA et al., 2021, p. 115). As dinâmicas da memória e do esquecimento também são exploradas a partir de presenças e ausências nas

paredes de duas cidades portuguesas, Almada e Beja. Para o caso brasileiro, a memória sobre a ditadura é analisada a partir dos registros deixados em livros de visita do Memorial da Resistência, em São Paulo, entre 2018 e 2019. Os registros ajudam a caracterizar “o tempo [que] já estava nublado para a abordagem sobre os direitos humanos e, mais ainda, sobre a memória da resistência” (FRAGA et al., 2021, p. 159).

A terceira temática é “Patrimônio, resistências e movimentos sociais”. Um dos capítulos se refere à Educação Patrimonial a partir da atuação do Ponto de Memória Brasilândia e do Museu Social Brasilândia e sua contribuição para a valoração da memória e do patrimônio “pelos grupos sociais nas regiões da Brasilândia e da Freguesia do Ó, na capital paulista” (FRAGA et al., 2021, p. 196) A experiência da montagem de um dossiê com o pedido de revisão de tombamento se aproxima do questionamento sobre a patrimonialização do Samba Rock, tratado em artigo do primeiro bloco da coletânea. Outro tema explorado nesta terceira parte da obra é o das memórias historicamente silenciadas dos camponeses colombianos, num contexto de seu apagamento nas estatísticas e na cartografia e de sua caracterização apenas a partir da dimensão produtivas. Finalmente, o tema das ocupações urbanas enquanto patrimônio dos movimentos de luta por moradia é apresentado a partir do exame do processo de reintegração de posse pelo governo estadual da Ocupação Lanceiros Negros, em Porto Alegre.

O quarto bloco apresenta estudos sobre o “Patrimônio da dor”. Ali temos contato com os esforços e tensões no processo de patrimonialização das memórias do caso da boate Kiss em Santa Maria e uma reflexão sobre a transformação de prisões em espaços de memória. Para o segundo tema, e considerando o desafio da comunicação, foi explorada “a capacidade da arte em provocar o estranhamento do cotidiano no universo carcerário” (FRAGA et al., 2021, p. 346). Uma terceira contribuição para a abordagem do patrimônio da dor é apresentada na forma de conto que trata das percepções sobre a morte. O último bloco do livro *Experimentações do Patrimônio* reúne estudos sobre “Patrimônio, inclusão e acessibilidade” e contempla o relato de uma trajetória profissional na gestão de museus; o questionamento sobre os sentidos dos monumentos na sociedade (iconoclastia, vandalismo), a partir de casos de derrubadas de estátuas; experiências de organização de exposições acessibilizadas no Museu Júlio de Castilhos, em Porto Alegre e contribuições do ponto de vista da arquitetura para um turismo acessível e seguro.

Ainda que com diferentes níveis de profundidade, os textos que compõe a obra contemplam o propósito de tratar das resistências e diversidades a partir das práticas relacionadas ao patrimônio, contando com contribuições de disciplinas diversas (como

Museologia, História, Educação, Comunicação, Arquitetura, Geografia) e de experiências localizadas em diferentes lugares do Brasil e em outros países. Entre autoras e autores, podem ser encontradas pessoas de diferentes gerações e com engajamentos profissionais diferentes, o que contribui para a riqueza do trabalho.

Destaco, para finalizar a apresentação da obra, duas reflexões que à sua maneira tocam na relação entre a história, a memória e o presente, presente esse que clama pelo respeito à diversidade e que exige uma postura de resistência. Ao tratar da experiência do Museu do Aljube, Luís Farinha alerta para o desafio relativo a “como lidamos com a memória silenciosa dos indiferentes, com o silêncio cúmplice dos implicados e dos torturadores e a sua herança oculta (mas ainda existente), as quais constituem fontes inesperadas de inspiração para o renascimento comum de novos movimentos de direita nacionalista, violenta, xenófoba e racista ao mesmo tempo que nos confrontamos com a insuficiência das políticas nacionais e europeias de memória para lhes dar combate” (FRAGA et al., 2021, p. 124-5). As menções a silenciamento, indiferença, cumplicidade, herança oculta e a renascimento de movimentos de extrema direita, ainda que registrados para tratar do caso de Portugal, cabem como uma luva no contexto brasileiro.

Na mesma direção, refletindo sobre a experiência do Museu da Resistência, num posfácio que trata da Covid 19, Giulia Cerqueira Gumieles constata que “o resultado mais palpável e atualizado dessa diluição da verdade é o próprio negacionismo da pandemia de coronavírus que assola o Brasil desde março deste ano e que não possui indícios de ser controlada, já tendo vitimado (apenas dentro dos dados oficiais) 118.649 brasileiros, em um número que cresce diariamente” (FRAGA et al., 2021, p. 186). Quando esta resenha foi finalizada, em dezembro de 2021, o número de vítimas já havia ultrapassado 616 mil.

De uma sociedade acostumada a negar processos violentos de sua história – como o genocídio dos indígenas, a escravização dos africanos e seus descendentes, a tolerância em relação ao feminicídio, a violência contra as pessoas LGBTQIA+, a repressão e os assassinatos durante a última ditadura – poder-se-ia esperar um completo engajamento em defesa da vida no contexto da Covid 19?

Recomendo, então, a leitura de *Experimentações do Patrimônio*, obra que compartilha reflexões sobre experiências na área do patrimônio, as quais, em sua diversidade podem ser entendidas como artefatos da memória cultural, na acepção de Aleida Assmann (2011). Segundo a autora, para que a “memória experiencial dos testemunhos de época” não se perca, ela “deve traduzir-se em uma memória cultural da posteridade” (ASSMANN, 2011, p. 25),

suportada materialmente em monumentos, memoriais, arquivos, obras de arte etc. Por meio da noção de memória cultural, a autora propõe que memória e história sejam encaradas “como dois modos de recordação que não precisam excluir-se nem recalcar-se mutuamente” (ASSMANN, 2011, p. 147).

Ao mesmo tempo, e recuperando o perfil da equipe organizadora da obra, acima apresentado, penso ser adequado o uso da noção de “empreendedores da memória”, a partir de Elisabeth Jelin (2002, p. 49). São profissionais, cidadãos e cidadãs que atuam em diferentes espaços – educação, artes, comunicação, gestão cultural, museus, arquivos, história etc. - e cujas práticas participam das lutas contra o esquecimento. A organização do *Experimentações do Patrimônio*, então, pode ser entendida como um capítulo dessas lutas.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Editora da UNICAMP, 2011.

JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria**. Madri: Siglo XXI, 2002.

FRAGA, Hilda Jaqueline de; CARDOSO, Claudira do Socorro Cirino; QUEVEDO, Éverton Reis; BARROSO, Véra Lucia Maciel (Orgs.) **Experimentações do patrimônio: diversidades e resistências** [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021.

FRAGA, Hilda Jaqueline de; CARDOSO, Claudira do Socorro Cirino; QUEVEDO, Éverton Reis; BARROSO, Véra Lucia Maciel; SOUZA, Renata Cássia Andreoni de (Orgs.). **Experimentações, políticas culturais e patrimônios**. Porto Alegre: EST, 2018.

FRAGA, Hilda Jaqueline de; CARDOSO, Claudira do Socorro Cirino; QUEVEDO, Éverton Reis; BARROSO, Véra Lucia Maciel; SOUZA, Renata Cássia Andreoni de (Orgs.). **Experimentações em lugares de memória: ações educativas e patrimônios**. Jaguarão/RS: Selbach e autores associados, 2015.